

veja
15/5/96 p. 108 e 109
41

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Os pés de barro do ídolo de ferro

O BNDES divulga no Senado números que apresentam a Vale como uma empresa medíocre

ANTENOR NASCIMENTO NETO*

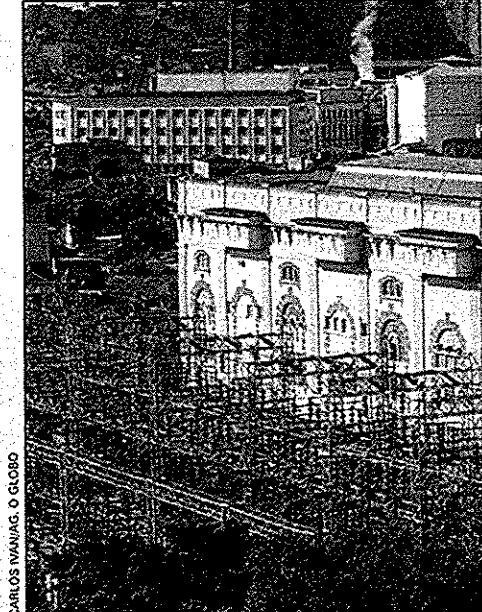
A Companhia Vale do Rio Doce, depois da Petrobrás, é a maior estatal brasileira. Também é apontada como uma das únicas estatais eficientes, lucrativas, competentes e comportadas. A Vale foi colocada na linha das estatais que o governo quer privatizar. Quem a colocou na lista foi o presidente Fernando Henrique Cardoso, em março de 1995, na semana da célebre crise cambial provocada pela incompetência do BC. Muitos desconfiaram que o aviso não era sincero. Teria servido apenas para distrair o público da trapalhada com o dólar. Já correram catorze meses, e a cada dia que passa Fernando Henrique parece mais indeciso, ou mais ambíguo, ou desorientado, a respeito

da venda da Vale. "Se eu achar que o melhor para o Brasil é ter a Vale como estatal, não terei a menor dúvida em mantê-la", disse o presidente a um amigo, na semana passada.

A julgar pela sua oscilação tucana, é possível que a venda da Vale seja feita por um outro presidente, se é que algum terá a coragem de abater esse mito do estatismo brasileiro. Em torno da privatização da Vale já se estabeleceram três linhas de comportamento. Os políticos não querem vender a empresa. Não querem vender estatal nenhuma, porque elas funcionam como fonte de poder, mas a Vale é especial. Desde sua fundação em 1942, a empresa mantém um programa de empréstimos a juros subsidiados e doações para prefeituras. No ano passado foram distribuídos 26 milhões de dólares para 96 municípios em oito Estados. É um dinheirão para fazer política no Maranhão, no Pará ou onde quer que a Vale atue.



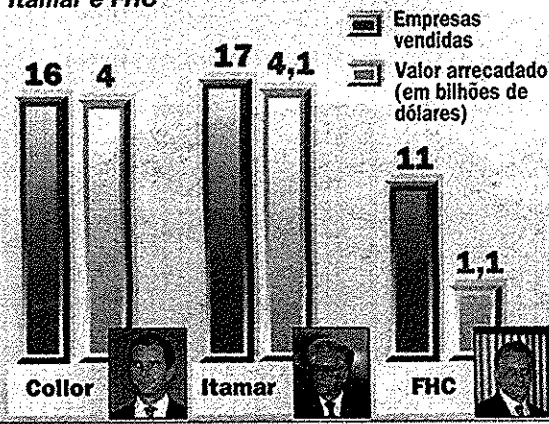
PEDRO MARTINELLI



CARLOS IVANJAG, O GLOBO

O ritmo esfria

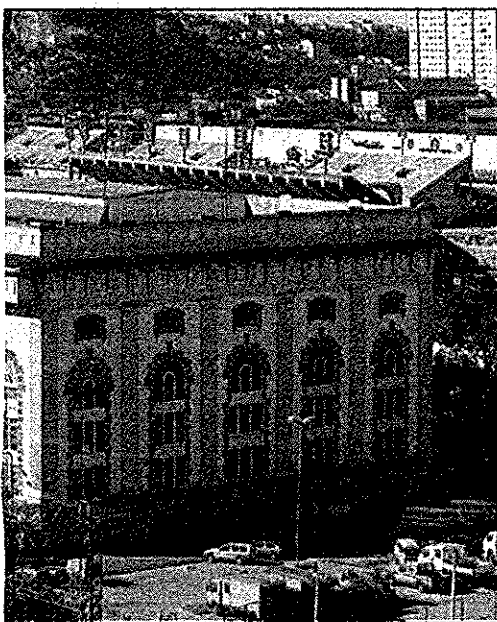
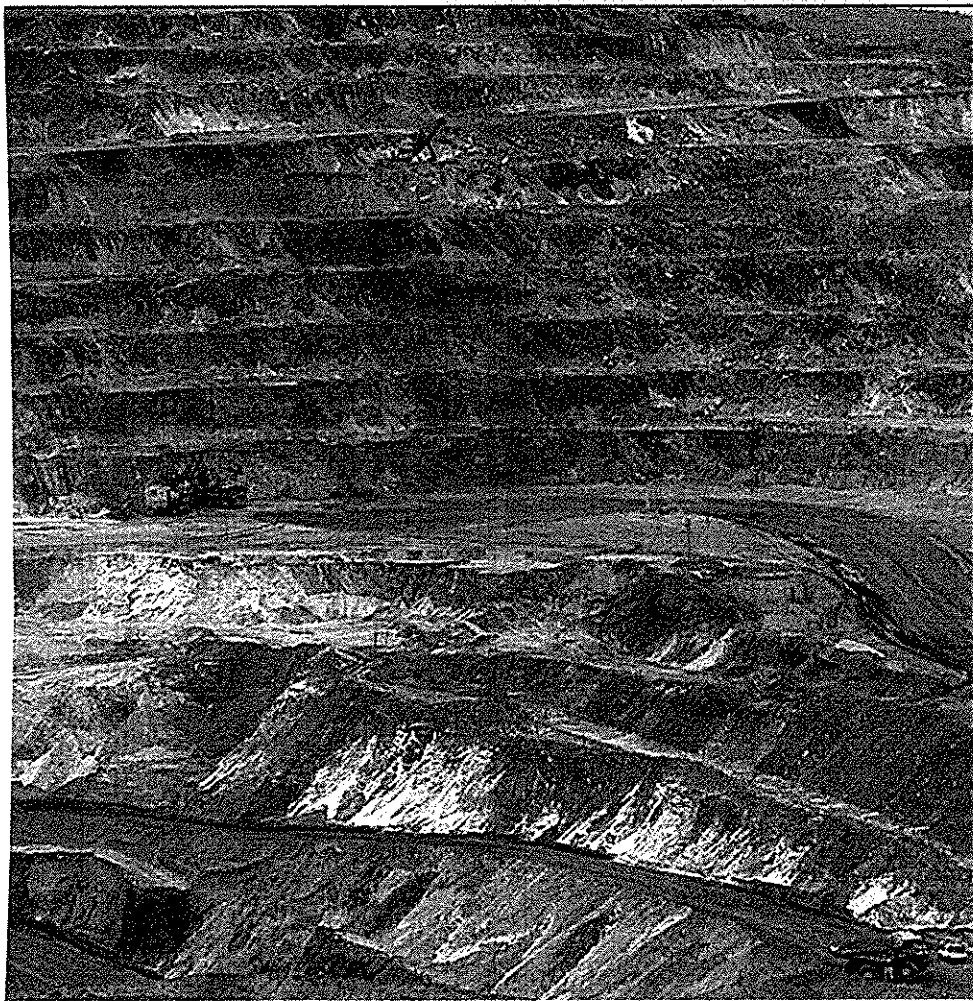
Quantas estatais foram vendidas por Collor, Itamar e FHC



FREIRINHAS — A segunda linha é a do BNDES, encarregado de vender a Vale. Na semana passada, o presidente do banco, Luiz Carlos Mendonça de Barros, tirou uma carta da manga, em Brasília. Num depoimento no Senado, apresentou números que mostram que a Vale é uma empresa fraca quando comparada a

companhias do mesmo ramo e do mesmo porte no exterior (veja quadro na página ao lado). Para os idólatras da Vale, que agitam sua eficiência como argumento para não vendê-la, isso soa como uma heresia. O BNDES usou dados de um estudo da Merrill Lynch, consultoria empresarial americana, que fez um diagnóstico da estatal. O documento, em sua íntegra, não foi divulgado. É possível que lá existam outras cartas reveladoras sobre a Vale.

15/5/96 cont.



Jazida de minério de ferro da Vale do Rio Doce e o prédio-sede da Light: pressões atrasam a venda e derrubam o preço das estatais

a empresa sempre foi apresentada como um primor. Na Vale não haveria empreguismo, prejuízo, desperdício, corrupção, doação de dinheiro público para fundos de pensão. Seus presidentes, como Eliezer Batista, tinham status de ministro.

TOURADA — O ídolo, como mostrou o BNDES em números relâmpagos, pode não ser tão perfeito assim. A Vale, em rentabilidade, perde para todas as suas concorrentes diretas no exterior. Segundo números da própria empresa, a Vale tem uma rentabilidade sobre vendas de 5,48%. Perde para a sueca LKAB (32,18%) e para a sul-africana Iscor (7,04%). Sobre o patrimônio líquido, a rentabilidade da Vale é de 1,26%. A da LKAB é de 15% e a da Iscor, de 10,7%. Como se vê, a Vale é

menos rentável do que suas concorrentes. Nos últimos 54 anos, só rendeu 100 milhões de dólares para o seu dono, o governo. De 1989 para cá, para cada 3 dólares que a Vale deu ao governo, destinou 5 dólares para o fundo de pensão de seus funcionários.

A Vale, se o BNDES insistir em vendê-la, pode virar uma tourada para se assistir de camarote. No plano geral da privatização, o governo fez dois outros recuos na semana passada, em negócios muito menores. O banco Meridional, que estava com venda marcada para esta terça-feira, teve seu leilão adiado por causa de um boato. A venda da Light, a estatal de energia elétrica do Rio de Janeiro, está sendo alvo de uma jogada: os interessados no negócio estão-se unindo num único grupo, para que não haja concorrência no leilão e a Light saia bem baratinha. "Esta será uma privatização sem ágio. Ninguém quer dar dinheiro para o governo", diz o dirigente de um fundo de pensão que participa do negócio.

FHC vendeu menos estatais que Collor. Até Itamar Franco, que não podia ouvir falar de privatização, se desfez de mais empresas (veja quadro na página anterior). Sem um piloto firme orientando o programa de privatização, o ambiente ficou mesmo anárquico. Na semana passada, o Supremo Tribunal Federal resolveu dar seu palpite, e derrubou as restrições ao uso de moedas podres nos leilões. No Congresso, apareceu uma novidade do arco-da-velha. O senador Edison Lobão sugeriu que se permita a utilização de títulos emitidos em 1902, com valor corrigido, na compra de empresas estatais. Para quem tem títulos emitidos pelo governo para a construção da ferrovia Madeira—Mamoré, será um negócio. ■

* Colaboraram Altair Thury e Arnaldo Cesar, do Rio de Janeiro; Felipe Patury e Expedito Filho, de Brasília; e Eliana Simonetti, de São Paulo

A terceira linha de comportamento é a dos tucanos do Planalto. Eles são capazes de abrir mão de suas propostas mais caras por medo de desagradar a freirinhas ou sindicalistas. Já perderam a mão de comando sobre a venda da Vale e também não mandam mais no programa de privatização, que está ao léu. O que há de engraçado a respeito dos números do BNDES sobre a Vale é que eles começam a desmanchar o mito. Não se sabe ao certo como ele surgiu, mas

A lanterninha

O desempenho da Vale em relação a suas principais concorrentes internacionais

